



A ESTOCADA

Editor e Proprietario

Direc

Administrador

José Barata Ribeiro

Antonio Giaccon Wiza da Silva

Henrique Barreto

Redacção e Administração (Provisoria): Rua da Palma, 228 — Telefone 2 7880

Composto e impresso na TIPOGRAFIA FREITAS BRITO, Ltd.ª, Rua do Ferregial, 12 a
Telefone 2 7620 — Lisboa



Manuscrito
Manuscrito

“A ESTOCADA”

CONDENA
A Festa Mansa
TOURADAS
 Touros Corridos
 Touros Embolados
 Sortes de Gaiola
 Pegas



LORENZO GARZA

DEFENDE
A Festa Brava
CORRIDAS
 Touros Puros
 Touros em Pontas
 Sortes de Vara
TOUROS DE MORTE



CAMPO PEQUENO — Domingo, 27 de Setembro

Sensacional corrida de 8 Touros de J. Coimbra, para o célebre Matador de Touros

VICTORIANO DE LA SERNA

acompanhado da sua quadrilha e para os cavaleiros Simão da Veiga e João Núncio

LA SERNA ilará 3 touros a desembolar após o tercio de varas

Tambem tomam parte os peões: Alfredo dos Santos, Agostinho Coelho, Júlio Procópio, Francisco Gonçalves, Joaquim d'Oliveira e Alfarero.

O ex-matador de touros “Madrileño” toureará de muleta os touros dos cavaleiros

DEFINIÇÕES # Estilos e Estilistas

Por

José Cunha da Silveira

O estilo, na sua acepção vulgar aplicado à arte de tourear, é a maneira especial de realizar o toureiro. É o género peculiar de cada toureiro.

Estilista é aquele que se torna notável pelo vigor e elegância do seu estilo.

O estilo, por consequência, com o significado de marca da produção artística é um atributo da personalidade, qualidade dominante ou essencial de uma pessoa.

Mas nem todo o estilo subentende originalidade, pois para isso carece de cunho próprio e extraordinário.

Cada toureiro, como cada escritor ou cada artista, tem o seu estilo, mas poucos são os estilistas e os que possuem uma personalidade sobresalente e bem vincada. E mais raros são ainda os estilistas originais, os criadores dum estilo novo e diferente, por isso que é preciso ter inspiração, talento e faculdade inventiva — um pouco de génio.

No entanto, para triunfar e manter um lugar de relevo na tauromaquia nem é preciso ser estilista, nem original, nem ter uma personalidade esquisita. O essencial pelo consenso geral é ter valor e saber tourear.

E até, ao contrário das obras literárias bem escritas, não são os criadores dum estilo os únicos que passam à posterioridade.

Mas são êsse toureiros do futuro vivendo no presente, com a sua superioridade de instinto e a sua potência criadora, que impõem normas novas de lidar e fazem escola — porque a Arte, mesmo a tauromaquica, adquire-se pelo estudo e aperfeiçoa-se pelo exercício. É justo, porém, reconhecer ao menos esta superioridade — reco-



Victoriano de la Serna

nhecimento que quasi sempre vem tarde, porque a força do hábito é um dos maiores obstáculos para o progresso.

Belmonte e La Serna, em épocas diferentes e cada um no seu género foram dois inovadores, porque introduziram no toureiro modalidades desconhecidas e deram expressão nova à arte de lidar.

Juan Belmonte, mais criador de estilo do que um estilista propriamente dito, foi acima de tudo um revolucionário da técnica taurina.

Victoriano de La Serna, sendo um estilista puro, foi o criador dum estilo e por isso marcou a sua personalidade artística como revolucionário da estética do toureiro.

A concepção e realização da lide destas duas figuras excepcionais da tauromaquia contemporânea é particularmente sensível porque reverte uma forma bem característica e perfeitamente definida.

Um e outro são toureiros originais, daqueles que não imitam e que os outros não podem imitar.

Belmonte deixou como sumo distintivo da sua arte de tourear a meia verónica — que é um monumento.

La Serna deixa bem gravado em todos os momentos da lide o seu toureiro inconfundível e as atitudes cheias de finura e de delicadeza da sua figura tão tónica e distinta.

Embora sem personalidade tão saliente e com uma porção maior ou menor de originalidade, a tauromaquia de hoje tem toureiros com estilo e estilistas daqueles que echan línea al toreo: Chicuelo, Cagancho, Curro Caro e Jaime Pericás.]

«Si respetáramos lo escrito, no progresarian las ciencias ni los artes».

Victoriano de la Serna

O estilo é influenciado por diversos factores, entre êles e antes de tudo o temperamento pessoal e o lugar de origem do toureiro. E assim surgem as diversas espécies de estilo — não escolas — conforme as características dinâmicas dos seus representantes.

O estilo sublime, original, perfeito, magestoso e magnificente, é o de Victoriano de La Serna.

O estilo simples, claro, suave, preciso, mas pouco ornado, é o de Domingo Ortega.

O estilo garrido, abundante, animado, cheio de imagens, é o de Manolo Bienvenida.

O estilo temperado, agradável, delicado, luzido e exacto é o de Marcial Lalanda e o de Armillita.

O estilo florido, adornado, elegante e ritmado é o de Chicuelo e de Cagancho.

Para ser figura e marcar no escalafón taurino é indispensável, como base, ter uma dose mínima de valor e de conhecimentos técnicos, circuns-tância comum aos toureiros e que até certo ponto os confunde. Por isso todo o aficionado para melhor distinguir deve considerar e refletir nesta trindade essencial ao artista e portanto ao toureiro: originalidade, estilo e personalidade.

Da combinação e amalgama destes elementos raros e difíceis, há-de resultar sempre alguma coisa de novo de invulgar e de imprevisito — e a tauromaquia há-de seguramente dar um passo nítido no caminho do seu aperfeiçoamento artístico e técnico.

E a tauromaquia moderna deve ser tudo isto e só isto: Valor, Técnica e Arte. E ao Valor chama-se Coração, à Técnica Certeza e à Arte Encanto e Evocação.

Visitem V. Ex.^{ta} a

Loja da Boneca

onde encontrareis artigos de requintado gosto em tecidos para a próxima estação a preços excepcionais.

Av. Casal Ribeiro, 3, 5 e 7

BACEIRA

A melhor vacina contra esta moléstia é a **Lipoldo Vacina c/ carbunculo I. B. V.**, porque com segurança imunisa todos os animais, inclusive **cabras**, sem causar reacções ou desastres.

Marco-Antonio Franco, L.^{da}

[Rua da Prata, 156, s/loja - LISBOA

Entrevista com António Luiz Lopes

por ALFREDO OVELHA

João Núncio — Touros em pontas — Capotes

Há dias que circulavam nos *mentideros* taurinos notícias de que António Luis Lopes ia defrontar brevemente touros em pontas na Praça do Campo Pequeno.

Tal informação, por inesperada, levou imediatamente «A Estocada» a pôr-se em contacto com António Luis Lopes, êsse cavaleiro tauromáquico de bem vincada personalidade, que em tardes triunfantes, perante o público das principais cidades de Espanha e do México levantou bem alto o pavilhão de Portugal.

António Luis Lopes, que circunstâncias várias haviam contribuído para o seu afastamento dos *ruedos* aparece disposto a ocupar o lugar que outrora disfrutou na cavalaria tauromáquica portuguesa.

Conversar com António Luis Lopes, é um prazer espiritual, já pelos seus conhecimentos taurinos, pela elevação e concisão com que aborda os diferentes assuntos, quer sejam dos mais frívolos quer dos mais melindrosos.

E como tínhamos na nossa frente um homem com o «coração ao pé da boca», que não pôde calar o que sente, nem que seja em, seu desabono, sentimento-nos com coragem para abordar um dos pontos mais melindrosos, e dos que mais interessam o público.

— Quais as razões por que não toureia com João Nuncio?

António Luis Lopes, sorri e nós pômo-lo à vontade declarando que não insistimos pela resposta.

— Não, não. Com todo o prazer, tanto mais que a razão é simples. O meu colega Nuncio, é que se recusa a tourear comigo, creio que por mal entendidos surgidos em tempos, e que os nossos aduladores (o peor «bicho» que pôde aparecer na vida do artista) tem acirrado.

— Tem Você uma opinião, que queira expôr, sobre a personalidade artística de Nuncio?

António Lopes, conscio da responsabilidade do que vai dizer, exclama:

— Escreva! Considero João Nuncio um grande cavaleiro, com um estilo seu, e por consequência um artista com A. Todo o artista que cria, não copia, tem personalidade. E infeliz daquêles que não têm personalidade, seja em que campo for,



No entanto o seu toureio que não faz vibrar a minha sensibilidade, interessa à minha intelligencia. Quando vejo tourear João Nuncio, não me lembro das dificuldades da vida...

— Gostava então de tourear com João Nuncio?

— Sim. Seria para mim um grande prazer alternar com tão grande artista. Possuímos estilos diferentes, e por isso julgo que era uma competencia interessante.

Como o leitor facilmente vê, António Luis falou duma maneira como poucos homens teriam coragem para falar.

— Agora outro assunto António Luis. Você entende que em Portugal se podem tourear touros em pontas? Absolutamente. Considero até pouco honesto tourear embolados.

— Mas, o tamanho das nossas arenas?... — objectámos.

— Sim, de facto há arenas pequenas para essa lide, mas no Campo Pequeno, não só se pôde como se deve tourear em hastes Limpas.

— E dentro desta modalidade, Você entende que se podem dispensar os peões de brega?

— Não. Isso é uma particularidade que depende do artista. Eu, por exemplo, tanto toureio sem capote, embolados como desembolados.

— Então!?

— Eu lhe explico. Se conheço a ganaderia que vou lidar, mando ou nao sair os capotes, consoante a caracteristica dos touros. Se é uma ganaderia desconhecida para mim, então não prescindindo dos capotes para me aperceber das qualidades dos meus inimigos. Como vê cada artista adopta o seu critério, eu adopto

INTERVALO

Tarde de Touros...

por Inácio Saraiva

Tarde de Touros... tarde de alegria, de emoção, de entusiasmo; momentos indiscretivos de Arte e de Beleza, em que todo o nosso sêr, em permanente vibração, experimenta com deleite, tôda a escala de sensações porque pôde passar a alma e o coração do Homem... do Homem que sente, que ama e que sofre; para quem as manifestações da Arte, são um bálsamo inestimável de verdadeiro prazer espiritual!

Não ha de-certo quem ao assistir a êsse combate leal, d'uma beleza sem par, que a aparente fragilidade do toureiro trava com a imponente magestade do touro, êsse animal de estampa formosissima, que com tanta fidelidade tem sido interpretado atravez as telas luminosas, dos melhores pintores peninsulares, não sinta alterar se-lhe a marcha normal do coração, êsse órgão vital, que é por assim dizer, a essencia, o extracto de todo o sêr humano!

Tôda a gama de emoções toca as teclas da nossa sensibilidade, que se sentem impulsionadas para qualquer coisa muito acima das vulgaridades terrenas!... N'êsses momentos de entusiasmo, que só e espectaculo extraordinariamente grande e emotivo d'uma corrida de touros, pôde proporcionar, julgamo-nos transportados, como num sonho que desejaríamos infindavel, a um outro Mundo, cheio de imagens maravilhosas, que insuflam as fibras mais sensiveis do nosso temperamento latino, afeito a captar com nítida compreensão, os multiplos encantos emitidos pela chama viva da Arte!

Tarde de Touros... tarde de festa, onde os aliconados vão buscar n'umas escassas horas, tantas vezes de imorredoura recordação, com que saciar o seu amor pelos

(Continúa na pág. 6)

.....

êste, e confesso que não me tenho dado mal.

Conversámos ainda muito tempo, abordámos diversos assuntos, e António Luis Lopes retirou-se para Coruche, onde vai trabalhar os seus cavalos para que os seus admiradores possam voltar a aplaudi-lo.

COMENTARIOS

POR
NIZZA DA SILVA

Os acontecimentos em Espanha, escangalhando o ano tauromáquico, impediram a saída deste jornal.

Esteve, quasi, a sair em numero especial dedicado a Ortega mas, felizmente, não foi preciso porque Ortega estava vivo e tinha toureado em Dax onde a multidão o recebeu com uma ovação estrondosa. A pesar de enfraquecido pelas vicissitudes da sua fuga do território ocupado pelos governamentais, fez uma enbrmissa faena de muleta.

O seu dominió era tão completo que o público se encontrava suspenso. Pouco depois o de *Cobaleda* agarrou Ortega fazendo-lhe dar uma grande voltareta. Combalido levanta-se e raivosamente, entra a matar e agarra uma grande estocada. E' conduzido à enfermaria levando na mão as orelhas do touro como troféu glorioso. Isto me contou «*Ramuncho*» distinto crítico do grande periódico tauromáquico «*La Course Landaise*» que tão gentil tem sido para o nosso modesto jornal.

E' momento de elucidar os meus presados leitores que a França—país considerado como um dos mais perfeitos do mundo em matéria de civilização—tem, em média, oitenta corridas de touros de morte por ano não falando nos espectáculos landeses que se realisam quasi diariamente. Além disso publicam-se, pelo menos, dois importantes jornais dedicados somente a assuntos taurinos: *La Course Landaise* com trinta e dois anos de existência e que tem a sua administração em 73, rue Gambetta — Mont de Marsan e *Le Toril* revista tauromáquica independente com quinze anos de publicação e com administração na rue Roquelaine, 38 — Toulouse. Recomendo aos meus leitores a assinatura destes jornais franceses para, mais facilmente, poderem defender a nossa causa, com argumentação sólida, contra todas as diatribes que os ignorantes espalham, muitas vezes, só para irritar o indígena.

Pelos motivos expostos e não por falencia administrativa, como algumas aves agourentas pensavam, o

jornal teve de interromper a sua triunfante carreira para voltar agora com a mesma coragem a lutar pela causa dos *Touros de Morte*.

A *Estocada* é um jornal tauromáquico, absolutamente independente. Os seus proprietários estão ligados pelos mesmos pontos de vista e, por consequência, não existe o perigo de se terem de demitir dos seus lugares. Sabem o que querem, traçaram nos números anteriores as suas doutrinas e serão escravos dos seus pontos de vista.

Alegrem-se os poucos aficionados que pensam como nós e que, acima de todas as amizades e compadrios, põem a defesa da Festa Brava, na sua mais pura expressão, sem covardias ou hipocrisias.

Aproveito a ocasião para dar um pequeno resumo crítico das ultimas corridas do Campo Pequeno, mas antes saúdo José Rodrigues Teixeira e D. Bernardo da Costa (Mesquitela) pelas organizações formidáveis que proporcionaram, com prejuizo material, ao público português.

A corrida noturna marca para Domingo Ortega.

Se já no seu primeiro touro, um touro muito suave, tinha feito uma grande faena de muleta com passes naturais, seguidos com os forçados de peito, por alto, girando vagarosamente para outros passes iguais, e se já tinha mostrado os seus conhecimentos corrigindo o seu segundo que parecia reparado da vista e *achuchava* horriavelmente pelo lado direito, foi, todavia no sétimo touro—um dos touros mais bravos da época e que pertencia, assim como os restantes da lide ordinária a D. Domingo Ortega, que este ganadero o maior toureiro espanhol de todos os tempos realisoa a maior faena de muleta que jamais tinha feito. Porquê? Não só porque convenceu os mais renitentes anti-orteguistas mas também porque iniciou a faena com três naturais em redondo e um de peito e logo a seguir no mesmo terreno seis naturais. Depois tudo quanto a sua maravilhosa inspiração artística lhe sugeriu. Esta faena que Lisboa teve a felicidade de ver pode considerar-se a maior que se tem feito em Portugal e uma das maiores que, se tem realisoado em arenas das Praças de Touros do mundo inteiro. Nessa noite Fernando Baptista, meu querido amigo e correlegionário tauromáquico, abraçou-me e disse-me que se tinha convertido ao Orteguismo. Esta é a maior prova do triunfo de Domingo Ortega.

Rafaelillo — o pequeno protegido de Lapisera — foi o outro espada e

conseguiu aplausos com a sua valentia um pouco mexida. Ocupa um dos primeiros lugares à custa de muito valor e da facilidade com que toureia ao natural. Nessa noite limitou-se a tourear de piton a piton.

Os touros de Ortega foram muito suaves e com poder, salientando-se o sétimo touro pela sua bravura e nobreza. António Luis Lopes foi o cavaleiro e lidou os seus dois grandes e bonitos touros de João Torres sem auxílio de capotes. Toureando na querença natural dando assim toda a vantagem ao iningo, iniciou a lide com quatro ferros compridos sendo o segundo muito bom e o quarto formidável. Grande ovação.

No quinto touro—um lindo exemplar digno do pincel de Simão da Veiga—voltou a conquistar aplausos compartilhando com Ortega e João Torres a volta à praça entre grandes ovações. Estes touros na minha opinião foram mansos. Dois touros que não sofrem um capotazo, apenas recebem umas afinetadas e só investem na querença natural não podem ser bravos de maneira alguma. A prova viu-se quando Ortega meteu o capote ao segundo e este fugiu assustado. Na muleta fraquejou investindo com dificuldade.

Ortega — Chicuelo — João Nuncio

Com touros de Pinto Barreiros — algo desiguais em tamanho e tipos — realisoa-se a ultima corrida com estes elementos, que serviu, mais uma vez, para confirmar que Ortega aumenta dia a dia as suas enormes facondades de toureiro valente e artista. Ao terceiro touro fez uma enorme faena de muleta depois de ter toureado muito bem com o capote rematando um quite com duas meias verónicas — assombrosa a segunda. Aos outros touros lidou tão bem ou tão mal que as minhas notas dizem Ortega, Ortega e Ortega!!!

(Continua na página 8)

Viuva Nizza, L.^{da}

ARMAZEM DE MOVEIS
E CADEIRAS

R. da Madalena, 165, 167 e 168

Telefone 2 4818 - LISBOA

ANGELO SOARES

Veste todas as
pessoas elegantes

Rua da Prata, 156 — LISBOA
Telefone 2 3422

Escolas de Toureio

por Felipe Sassone

¿Há na realidade duas escolas?

Começou a fixar-se no meu espirito a segurança de que era completamente fantasiosa essa divisão do toureio em duas escolas distintas, a *rondeña* e a sevilhana, e o que sempre tinha sido em mim suspeita vaga, adquiria já caracteres de certeza: era tudo um erro tradicional, que se havia petrificado, e havia cristalizado para converter-se em axioma—falso axioma visto que necessitava uma demonstração impossível—pela circunstância de haverem nascido alguns toureiros celebres da antiguidade em Ronda ou em Sevilha, e por afirmações pouco meditadas de alguns tratadistas da tauromaquia e periodistas tauros, que seguiram até aos nossos dias querendo estabelecer uma diferença absoluta, uma divisão em duas escolas, pela maneira pessoal de lidar de cada *diestro*.

Os celebres Romero, Francisco—o primeiro que matou empregando a mula—e João e Pedro—o mais famoso dos três—havia nascido em Ronda. José Delgado, *Pepe-Hillo*, e Joaquim Rodrigues, *Costillares*, o inventor do *volapié*, havia nascido em Sevilha.

Eram os competidores da época e de essa competição nasceu, em minha opinião, a falsa separação de escolas. Ficou assente, e assim continua ainda, sem explicações mais largas, que o toureio *rondeño* «é o toureio quieto, parado e de braços» e o sevilhano «é o toureio movido, alegre e de pernas». Antes de mais nada, e aqui começa a minha replica, *parado e alegre* não são conceitos antagónicos, porque se pode ser movido e triste e pode haver alegria de serenidade na quietude. ¿E' porque chamavam *rondeña* a insipidez? Em nossos dias, agora mesmo, referindo-se a um toureiro cujo nome não é indispensavel consignar, que toureia com as mãos muito baixas, imóvel, com lentidão e abandono, ondulando apenas o capote com um movimento dos pulsos para despedir o touro, que vem *arrancado* e não *toureado*, certo ex-lidador, muito entendido e gracioso, exclamava cheio de asombro desde: «Pois, senhor, à *zombaria* chamam arte» Não; não há tal toureio exclusivamente de braços nem exclusivamente de pernas. Porque

o que toureia de pernas não toureia: *retira-se, não tira o touro*, não manda; dá saltos, *regates*, *quiebro* esquiva e foge; mas não toureia. E com os braços unicamente também não se lida, porque as pernas são as que asseguram a colocação—o sitio para tourear sem se mover—e para procurar esse sitio é preciso mover-se quando convém *melhorar o terreno*. Não é possível a imobilidade ante o inimigo que se move, sobretudo quando há que evitar o choque com elle, e há que deixá-lo passar por diante ou por um lado.

Sem pernas não há toureiro.

E não há toureiro, porque as sortes do toureio são de três classes: umas, em que o *diestro* dá a saída ao touro, o tira—veronica, larga por alto, cambio, passe natural, passe de peito, sorte de matar recebendo; outras, em que a toma elle, se retira elle—sorte de bandarilhas, ao quarteio, *capotazos* pela frente, *chicuelinas*, meios passes, recortes, *galleos*—e outras em que dá a saída ao touro e por sua vez toma a sua—larga por baixo, passe em redondo, *quebro* com bandarilhas e sorte de matar a *volapié*. ¿Como executam os *rondeños* puros aqueles lances que correspondem aos grupos segundo e terceiro, em que é indispensavel tomar a saída?

A sorte de matar a *volapié* foi inventada por *Costillares*—sevilhano, considerado de essa escola—e antes que elle a trouxesse havia que *desjarretar* os touros *parados*.

¿Eram matadores completos os da chamada escola *rondeña*, que só podiam matar os touros que acudiam, porque só sabiam matar recebendo? ¿E os toureiros da chamada escola sevilhana que *recebiam*, quando a ocasião se apresentava, não tinham apesar disso, nada de *rondeños*? Para dominar o touro que se defende, ao que cabeceia, ao que se defende nas tabuas, ao que se cinge ou *achucha*, há que lidá-lo sobre as *pernas*, por diante, ganhando-lhe a viagem, emendando-se a cada lance, torcendo-o...

¿Toureavam assim os *rondeños*? ¿Não? Pois eram uns toureiros incompletos, porque não podiam tourear todos os touros, e para o bom toureiro todo o touro mais ou menos bravo, seja qual for o seu estilo, é lidavel. E' claro que

Carnicerito do México

Expulso de Espanha, como todos os Mexicanos, este valente artista, tomou rumo a Bogotá—Colombia onde tem toureado. Por jornais que tem tido a gentileza de nos enviar, sabemos dos seus triunfos. Na corrida da Cruz Vermelha, alternou com Felix Rodrigues II e José Pastor, ganhando a orelha de prata como triunfador absoluto. E' preciso notar que os outros espadas estiveram muito bem, os touros foram bravos e que a corrida foi um êxito. Desejamos ao nosso amigo *Carnicerito do México* felicidades e muito dinheiro.

Mary-Gomez

Esta gentilissima cordobesa dedica-se ao toureio e mostrou desejos de vir tourear a Portugal. E' seu representante o nosso amigo Sr. H. Rodrigues, de Évora. Pelas informações que temos esta gentil rapariga aspira a competir com Juanita Cruz e Hermanas Palmeño.

tão pouco seriam toureiros completos os sevilhanos que não parassem ao *quebro* nem executassem a sorte de receber. ¿Que no termo médio está a verdade e que tão mau é defeituoso é o que não se move por torpeza como o que se move por medo? Bem; mas então há que reconhecer que os dois modos se fundem em um só e que não há mais do que uma maneira muito ampla de tourear bem, e que é fantasiosa essa divisão em duas escolas distintas, e que não se deve chamar *rondeño*, mas sim mau toureio, ao curto, ao baixo, ao *que* só pode com uma classe de touros; nem sevilhano, mas sim, mau toureiro também, ao que não se para com *nenhum* porque a nervosidade do seu medo lhe põe nos pés esse tremor bailarino que os antigos chamavam *jornigullo*. E a propósito de baile; como não há bailarina boa—falo de baile andaluz—que baile só com os pés nem que baile só com os braços, não há toureiro exclusivo de pernas, nem toureiro exclusivo de braços.

Do livro «CASTA DE TOUROS»

Comprar boas
móveis só em

Silvas & Antunes, L.^{da}

Rua da Palma, 226, 228 e 230

Telefone 2 7880

Em Timor também há aficion

por MANUEL DOMINGUES

A festa dos touros é sempre um espectáculo que surpreende porque, mais que nenhum outro, êle encerra a beleza da raça, define a emoção dum povo!

Negar à festa dos touros aquela porção do Ideal de que os eleitos tão bem sabem descrever, é um absurdo sem conta que muitos inteligentes não querem ver, através do seu pirronismo caduco. Mas... deixemos os pobres de espirito...

Sentir a Aficion, é como ser tocado pela centelha dum génio que nos inspira e nos dá a vibração estuante dos momentos grandiosos da lide.

Por isso a Aficion vai longe! Chega mesmo a ir às mais rudes plagas, porque é universalista!

Na terra de Confúcio, ou seja na China, que me lembre a mim, houve já um profissional do toureio. No Japão houve uma «quadrilha» formada. Na própria América tem havido artistas, não falando já da França, o país da luz e da democracia.

O Oriente é, pois, bafejado com essa divina auréola que se chama— Aficion.

Em Manilla há corridas de touros! E havendo-as em Manilla, mal parecia que em Timor as não houvesse, uma terra por assim dizer quasi vizinha daquela. Por isso—o sublime contágio da Festa Brava!—e por Timor se prestar à maravilha para a lide

das rezes, pois que tem bons terrenos, madeiras, gado e até cavalos com fartura, um grupo de aficionados tentou há pouco realizar uma corrida, vendo os seus esforços coroados do melhor exito, por isso que tal género de espectáculo, a par de estafadas corridas de cavalos e de futebois já muito vistos e revistos, deixou a melhor das impressões a quantos pela primeira vez assistiam à festa dos touros.

Foi quasi um delirio, deixando-nos a boca doce, a saber a pouco, pela guloseima dum nova corrida.

Isto é muito bom registar-se, para que os «tais» das Ligas fiquem sabendo que a Aficion não morre, mas antes, vai criando tentáculos de preciosa renda,—até no Oriente!

E querem as Ligas acabar com os touros, numa época, em que o *cautchouc* perdeu a cotação na Bolsa! Ah! ah!...

Muita razão teve, pois, Blum em dissolver as Ligas que andavam *desligadas* do acôrdo do bom senso e da razão!

Meus Amigos Aficionados: mandem tambem a nossa Liga de lá para o Blum e vão ver que êle a dissolve logo, que nem pestaneja!...

Entretanto, e isto registre-se sempre fiquem os da Liga desde já sabendo que em Timor tambem ha AFICION!

(Timor)

Tarde de Touros

(Continuação da pág. 3)

«Touros», mantendo assim sempre bem aceso o entusiasmo por êsse espectáculo, amplo de côr e de graça, pleno de vida e de luz... luz que aquece... Luz que abraza, a alma já de si ardente do aficionado de casta, e que se chama com tóla a propriedade: A Festa Brava... a festa do pôvo que sente, que ama, e que sofre...

Tarde de Touros... tarde de Sol, em que o Astro-Rei, redobra de intensidade e de brilho, para com o seu manto radioso de multiplas iluminuras, banhar a areia dourada do redondel, onde terá lugar a mais exuberante demonstração da coragem e destreza, da inteligência e amor próprio do Homem, em luta artística, com o mais belo dos animais, Senhor do campo verdejante das Lezirias, dêsse quadro matizado pelas mais formosas côres, que nos é dado conhecer!...

Tardes de Touros... tardes que ficam... que jamais se apagam do nosso coração que sabe sentir, amar e sofrer, como cristãos que nascemos, e esperamos acabar os nossos dias.

Tarde de Touros... eu não sei d'outra que a igual!

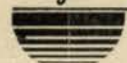
■■■■■■■■■■

Uma de D. Rafael

Um amigo de Rafael «el Gallo» dizia-lhe em certa ocasião, que não compreendia como, algumas tardes, o publico o assobiava ao fazer o *pas-selo* quando nesse momento êle iria pensando precisamente em ter uma tarde triunfal.

Não—respondeu lhe «el Gallo» — Nêsse momento penso sempre em poder continuar fazendo o passeio até chegar a casa!

Exija nas suas mobílias

 **Espelhos**

de

A UNIÃO

R. LUZ SORIANO, 23 - A -- LISBOA

TELEFONE 2 4485



MOVADO

MAURY

202 R. DO OURO 204

O INVENCIVEL

WK

NICANOR VILLALTA

Correm rumores, confirmados por La Serna, que o célebre estoqueador Nicanor Villalta foi vilmente assassinado em Madrid, assim como o seu companheiro Vitoriano Roger Valencia II.

Villalta já toureou em Portugal nalgumas corridas. Num banquete

Era afilhado de Nicanor Villa-Villita. Seu pai viu-se obrigado a partir para o México e Cuba e foi aí que Villalta iniciou os seus primeiros passos.

Já em Espanha estreou-se em Zaragoza em 17 de Maio de 1920 — dia em que morreu Gallito na Praça



realizado no Leão d'Ouro, em homenagem a D. Bernardo da Costa, ofereceu-se para vir tomar parte, gratuitamente, numa corrida de Touros de Morte.

Nasceu em 10 de Dezembro de 1899, em Cretas, pequena povoação situada na provincia de Teruel.

de Talavera de La Reina — com enorme êxito. De triunfo em triunfo conseguiu chegar à primeira fila dos Matadores de Touros, sendo o espada que mais orelhas cortou em Madrid. *A Estocada* lamenta que ódios políticos transformem os homens em chacais sedentos de sangue.

Noticias do Norte

Sabemos que se pensa realizar na Praça de Touros da Póvoa de Varzim uma grande corrida de touros com o *diestro* Domingo Ortega e um cavaleiro que seria José Casimiro.

Roberto Fernandes, paladino dos *Touros de Morte*, pensa em formar uma empresa para a construção de uma praça de touros na cidade do Porto, em cimento armado e pedra, com o mínimo de lotação para doze mil pessoas.

Muñoz Crespo, o conhecido aficionado, é actualmente empresário da Praça de Touros da Póvoa de Varzim e, graças à sua persistencia e boa vontade, aliadas à sua competência, conseguiu carrilar o público para aquela lindíssima praça com touradas tanto quanto possíveis, próximas da verdade. Bem Haja, Muñoz Crêspo.

A Liga de Profilaxia Social gasta o seu tempo e o seu dinheiro a combater as corridas. Roberto Fernandes dá-lhe combate sem tréguas por todos os meios ao seu alcance, chegando até a publicar folhetos e fazendo-os chegar às mãos das autoridades competentes.

Juan Lopez Lago

Este já famoso novilheiro *estremeño*, continua *en plan* de exitos verdadeiramente *arrolador*.

Lopez Lago será matador de alternativa e dos caros, pois tem personalidade própria, inconfundível, e estilo de toureiro de categoria.

A *aficion* de Lisboa gostaria de ver brevemente no Campo Pequeno esta *gran figura de novilleria* espanhola, que certamente nos demonstraria a razão porque está catalogado como um dos *diestros* mais valentes e artistas do país visinho.

Tem a palavra a empresa!

Este número foi visado pela
Comissão de Censura.

Dinheiro!

Empréstimos a juro módico sobre ouro, prata, joias, mobiliário, roupa, antiguidades, (Compra e vende) etc.

Boas acomodações e sigilo nas transacções.

Josè Mayer

R. do Loreto, 20

Telefone 2 2881

FERRAMENTAS PARA REPARAÇÃO DE ESTRADAS

picaretas/ing.e.nac.
 Forquilha/para ca/calho
 Pá/d'aço
 Marretas/inglezas/
 Carro/de mão
 Ancinho/para ca/calho
 Açodas/melhore/marcas/
 etc etc.

HORACIO ALVES, LDA
43-RUA AUGUSTA-51
LISBOA

Colchões de Arame "LINITA"

Os unicos que têm condições próprias para evitar a aderencia dos parasitas.

H. BONO — 73, R. do Diário de Noticias, 75 — LISBOA

E' triste!...

E' frequente verificar-se que os jornais hespanhois se queixam de os aficionados não terem a imprensa da especialidade. Pois ainda que seja assim, é preciso que se saiba que há em Espanha dezenas de revistas tauromáquicas e todos os jornais diários publicam regularmente páginas inteiras dedicadas aos assuntos taurinos.

Em Portugal as coisas estão muito pior. Pouco ou raramente se escreve de assuntos tauromáquicos. Os jornais taurinos quando iniciam a sua publicação, aparecem modestos e a medo e têm sempre uma vida efemera.

Não se lê, não se procura saber, não há interesse!

Os toureiros não precisam de propaganda, são todos celebridades, os seus nomes impõem-se e tornam-se conhecidos portoda a parte onde actuam ou deixam de actuar.

Mesmo que aos toureiros portugueses não interesse grandemente a sua própria propaganda, parece que deviam ter interesse que a imprensa taurina exista e prospere, para falar, propagar e manter—manter!—a festa de que eles vivem!

Os aficionados, êres supõem ser catadráticos—mas só conhecem a maior parte das coisas de ouvido e no fundo, salvo as honrosas excepções da regra, são *anacletos* dos pés à cabeça. Sabem de cór o nome de alguns toureiros hespanhois afamados e o das sortes mais vulgares e elementares da lide, deliram com as pégas e as bandarilhas colocadas à gaiola e como é moda, enchem a bôca com os touros de morte. Mas quando começam—se começam!—a falar a sério destas questões, é uma desgraça pela ignorancia que revelam—*simplesmente ridiculos!*

Não têm por principio os jornais e revistas da especialidade, são incapazes de comprar um livro que fale de touros ou de toureiros (mesmo que seja sob a forma de romance) e muito menos um tratado, por muito rudimentar que seja, de tauromaquia.

E' triste... mas é verdade!

COLCHOARIA CENTRAL

(CASA FUNDADA EM 1859)

— DE —

RAUL DE CARVALHO

Sumaúma Nacional e Estrangeira, Camas Divans

128, Rua dos Fanqueiros, 130

Tel. 3.6551—LISBOA



Domingo Ortega, vive!!!

Correu o boato, felizmente desmentido, de que o colosso de Borox, Domingo Ortega, tinha sido vitima dos acontecimentos de Espanha. Acreditámos e sentimos a sua perda como um golpe tremendo vibrado na Festa.

Domingo Ortega já tinha sido acusado pelos elementos avançados de ter contribuido com dez mil pesetas para um movimento das direitas e ao reaparecer na praça de touros de Madrid, o ambiente era-lhe nitidamente hostil. Ortega fez o passeio, debaixo de uma bronca imponente, pálido como um cadaver, mas calmo e seguro do seu valor e do seu triunfo. Não se enganou! Pouco tempo depois a mesma multidão entregou-se lhe, completamente louca de entusiasmo, concedendo lhe as orelhas dos touros e levando-o triunfalmente em ombros. A Estocada apresenta a D. Domingo Ortega as suas maiores felicitações.

.....

Fala a Estatística

Entre os matadores de touros que até ao fim do mês de Maio tourearam mais corridas em Espanha, figura em primeiro lugar Domingo Ortega, não se encontrando também Armillita, como era natural em virtude do conflito com os toureiros mexicanos.

Na categoria dos novilheiros os quatro primeiros classificados são respectivamente, Pascual Marquez, José Inácio Sanchez Mejias, Juanito Belmonte e Torerito de Triana.

E' curioso observar que todos estes toureiros já passaram esta época pela praça do Campo Pequeno.

Comentarios

(Continuação da pág. 4)

Chicuelo tinha vontade mas... a sua época passou. Pode desculpar-se com a má qualidade dos seus primeiros e segundo touros mas ao ultimo Chicuelo não toureou porque não quiz.

João Nuncio, o bom cavaleiro de sempre, teve a montada tocada no seu primeiro, e cravou um magnifico curto e um formidavel sêsgo em terrenos apertadissimos. João Nuncio toureou sem auxilio de capotes. O touro foi mansote mas suave. Ao outro—grande e manso—tambem deixou colher a montada e teve um curto de muito boa marca. E agora tem a palavra D. Victoriano de La Serna.

« el toreo de capa de Victoriano de la Serna es el péndulo cicloidal del toreo contemporaneo » de « El Duque de Veragua » de México ».

VENDE-SE

Fato de toureiro, montera, capote de cortezias e dois capotes de brega que pertenceram ao toureiro António de Carvalho. Tudo em bom estado.

R. dos Fanqueiros, 111 - Lisboa

GUIA TAURINO

Júlio Procópio

R. Dr. António Granjo, 6, r/c
(a Palhavã) Lisboa

Joaquim d'Oliveira Moça TOUREIRO

Rua Barata Salgueiro, 12
Telefone 4 0732 - Lisboa

Joaquín Solís '(Cantillana) TOUREIRO

Rua Alves Correia, 214, 3.º, D.
Lisboa

Augusto Gomes

Rua Luciano Cordeiro, 37, 4.º
Lisboa